

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO COM A GEOGRAFIA HUMANISTA E O CASO DOS RIOS NA AMAZÔNIA

PERCEPTION OF SPACE WITH HUMANISTIC GEOGRAPHY AND THE CASE OF RIVERS IN THE AMAZON

PERCEPCIÓN DEL ESPACIO CON GEOGRAFÍA HUMANÍSTICA Y EL CASO DE LOS RÍOS AMAZÓNICOS

¹ Wendell Teles de Lima

² Marcelo Lacortt

³ Ana Maria de Libório de Oliveira

⁴ Eliuvomar Cruz da Silva

⁵ Davi Alexandre da Costa Flores

Resumo

O artigo a percepção do espaço com a geografia humanista e o caso dos rios na Amazônia, que mostra o fortalecimento das categorias geográficas com uma nova com o espaço de vivência, como é o caso da existência dos rios na configuração amazônica, que demonstra o espaço da geografia humanista com a percepção das habitantes da região, que mostra o chamado espaço de vivência, ou da população existente ao longo do seu território, que mostra as escalas geográficas diferenciadas, com a geografia humanística como espaço de vivência, sendo este artigo uma pesquisa bibliográfica com revista indexadas sobre o assunto e trabalhos acadêmicos, o espaço de vivência serve para se entender a constituição do espaço geográfico, que forma a região Amazônica, com a constituição ou configuração dos rios existentes na região que atende as diferentes finalidades, como é mostrado na geografia humanista e suas categorias como paisagem e lugares, e formas de concepções do espaço vivência, que mostra novas leituras do espaço.

Palavras-chave: a geografia humanista, vivência, Amazônia.

Abstract

This article, "The Perception of Space with Humanistic Geography and the Case of Rivers in the Amazon," demonstrates the strengthening of geographical categories with a new understanding of lived space. The existence of rivers in the Amazonian configuration demonstrates the connection between humanistic geography and the perception of the region's inhabitants, revealing the so-called "lived space" or the population existing throughout its territory. This shows the differentiated geographical scales within humanistic geography as a space of lived experience. This article is bibliographic research using indexed journals on the subject and academic works. The concept of lived space serves to understand the constitution of the geographical space that forms the Amazon region, with the constitution or configuration of the rivers existing in the region serving different purposes, as shown in humanistic geography and its categories such as landscape and places, and forms of conception of lived space, which reveals new readings of space.

Keywords: humanistic geography, lived experience, Amazon.

Resumen

¹ Pós-doutor em geografia, professor da universidade do Estado do Amazonas – ENS- UEA

² MESTRE EM ENGENHARIA, PROFESSOR DO IFSUL.

³ DOUTORA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, PROFESSORA DO IFBR

⁴ DOUTOR EM EDUCAÇÃO, PROFESSOR DA SEDUC-AM

⁵ ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA, PROFESSOR DA SEDUC - AM

Este artículo, "La percepción del espacio con la geografía humanística y el caso de los ríos en la Amazonía", demuestra el fortalecimiento de las categorías geográficas con una nueva comprensión del espacio vivido. La presencia de ríos en la configuración amazónica demuestra la conexión entre la geografía humanística y la percepción de los habitantes de la región, revelando el llamado "espacio vivido" o la población presente en todo su territorio. Esto muestra las escalas geográficas diferenciadas dentro de la geografía humanística como un espacio de experiencia vivida. Este artículo es una investigación bibliográfica que utiliza revistas indexadas sobre el tema y trabajos académicos. El concepto de espacio vivido sirve para comprender la constitución del espacio geográfico que conforma la región amazónica, donde la constitución o configuración de los ríos existentes en la región cumple diferentes propósitos, como se muestra en la geografía humanística y sus categorías como paisaje y lugares, y las formas de concepción del espacio vivido, lo que revela nuevas lecturas del espacio.

Palabras clave: geografía humanística, experiencia vivida, Amazonía.

INTRODUÇÃO

A geografia surgida no século XIX começa a entender o espaço geográfico para além do Estado Nacional, com a denominada geografia humanista, que passa a ser analisada como espaço do cotidiano, resultando na percepção da relação com a existência de rios na região amazônica, como é visto.

Chama-nos a atenção, já há bastante tempo, que no seio da ciência geográfica o evidente ou sabido já não contenta mais. Provavelmente o progresso deste saber específico – das ciências geográficas – reivindica novas compreensões acerca de sua positividade. Portanto, o saber ora instituído já não é mais tão seguro. Compreendemos também que, onde certa crise dos fundamentos é razoavelmente assumida, ali se constrói, por assim dizer, um espaço de aprendizado, de discussão e de investigação que ultrapassa os limites dos saberes especializados. A crise abre espaços de diálogo. No caso, ultrapassa os limites doutrinários de saberes como os da geografia e da filosofia. O modo escolhido para nos inserirmos neste debate – onde a filosofia não ensina a geografia e vice-versa – reside no modesto confronto e possível clarificação entre representação e percepção do espaço, ou, em certo sentido, entre a apreensão científico-moderna do espaço e a apreensão empírica, historicamente mais recente do mesmo, e que se mostra como uma “representação” diferenciada. Por extensão, e em sentido lato, a ciência em sua cientificidade está sendo pensada (PISETTA; DE MORAES, 2015, p. 30).

Sendo assim, a geografia dos rios da Amazônia serve como escoamento da atividade econômica em grande parte dos rios e localidades da região, como parte da reprodução econômica com a população. Os rios funcionam como espaço de troca entre os lugares existentes que formam a região, indo além desse sentido, pois também são espaço de deslocamento e percepção para a população.

Essa imagem tem uma razão histórica, pois desde sua origem a disposição geográfica do povoamento na Amazônia obedeceu ao traçado da rede fluvial por onde se fazia a circulação. No início do século XVII, quando os ibéricos se instalaram no vale com o objetivo de controlar o território formado pela grande bacia hidrográfica, escolheram os sítios com maior densidade de população indígena, quase todos localizados na extensa planície de inundação (várzea) que caracteriza grande parte do vale do rio Amazonas e de seus principais afluentes (MACHADO, 1999). Assim, o desenho espacial básico desse processo de ocupação e a disposição geográfica do povoamento que formou a rede de núcleos populacionais e, mais tarde, a própria rede urbana estavam intimamente ligados aos traçados dos rios (CRUZ, 2011, p. 2).

Salienta-se que o espaço geográfico pode ser analisado para além das linhas euclidianas, podendo ser entendido como espaço da percepção e da vivência que resulta no cotidiano ou na percepção humanista, que organiza os lugares diferentes da concepção econômica.

Por tratar de assuntos subjetivos como sentimentos, percepção e representação espacial, uma questão fundamental para a Geografia Humanista é o modo como abordar tais subjetividades pessoais sem incorrer em relativismos impostos pelo pesquisador. Para tanto, os mapas mentais ganham destaque como aporte metodológico adequado a tal finalidade, pois são capazes de materializar tais subjetividades. Ainda, passíveis de interpretação, os mapas mentais expõem mundos pessoais e apresentam problemas comuns, enfim, representam aspectos do lugar (MALANSKI, 2014, p. 30).

A geografia humanista, ao propor uma leitura do espaço para além das fronteiras rígidas do Estado, abre caminho para compreender o cotidiano e as práticas sociais que se desenvolvem em territórios como a Amazônia. Nesse sentido, o espaço fluvial não é apenas suporte físico da circulação, mas também elemento estruturante da vida social e cultural. Como destaca Santos (2002), o espaço deve ser entendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, o que implica reconhecer que os rios amazônicos são, simultaneamente, infraestrutura natural e meio de interação social.

A rede hidrográfica amazônica, ao longo da história, configurou-se como eixo de povoamento e de trocas, mas também como espaço simbólico. A percepção humanista do espaço permite compreender que os rios não são apenas vias de transporte ou escoamento econômico, mas também lugares de memória, identidade e pertencimento. Corrêa (1995) observa que o espaço geográfico é produto de múltiplas dimensões — econômica, política, cultural e afetiva — e, portanto, a análise da Amazônia exige considerar como a população local atribui significados às águas que moldam sua existência.

Além disso, a utilização de metodologias como os mapas mentais reforça a importância de captar a dimensão subjetiva do espaço. Esses instrumentos permitem visualizar como diferentes grupos sociais percebem e representam os rios e suas margens, revelando mundos pessoais que dialogam com a materialidade geográfica. Conforme aponta Tuan (1983), o espaço vivido é inseparável da experiência sensível e emocional, e a geografia humanista deve buscar compreender essa relação sem reduzir a complexidade das subjetividades. Assim, a Amazônia, vista pela ótica humanista, é simultaneamente território de circulação econômica e espaço de significação cultural, onde o cotidiano se entrelaça com a paisagem fluvial.

METODOLOGIA

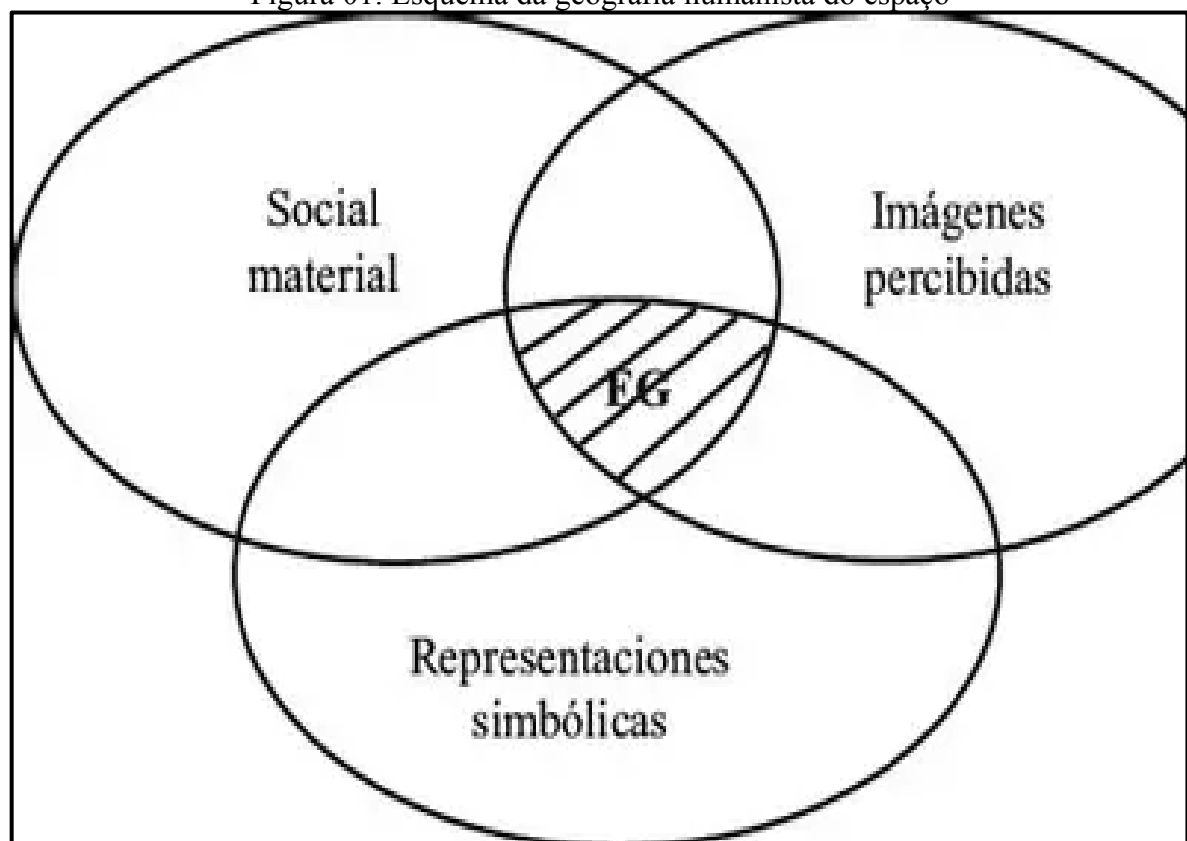
A pesquisa bibliográfica tem como objetivo esclarecer temas a partir de referências teóricas publicadas em revistas, periódicos, livros, artigos indexados e trabalhos acadêmicos

relacionados ao assunto. Conforme Schmidt (2015), esse tipo de pesquisa é fundamental para sistematizar conceitos e compreender a produção do espaço.

O método analítico consiste em decompor um todo em seus elementos básicos, partindo do geral para o específico. Pode também ser concebido como um caminho que parte dos fenômenos para chegar às leis, ou seja, dos efeitos às causas. Essa abordagem permite compreender a complexidade dos fenômenos estudados, oferecendo uma visão detalhada e fundamentada.

A constituição da análise espacial, quando associada a novas percepções, revela o espaço como vivência, lugar e conjunto de significados variados, de acordo com as relações de convivência. Essa perspectiva resulta na concepção de espaço humanista, que traz à tona diferentes formas de apreensão e representação espacial. Assim, o espaço não é apenas uma dimensão física, mas também um campo de experiências e significados que se manifestam no cotidiano.

Figura 01: Esquema da geografia humanista do espaço



Fonte: ESQUEMA DA GEOGRAFIA HUMANISTA - Pesquisar Imagens 25-01-2026

Rocha (2020) destaca que a geografia humanista utiliza a paisagem percebida como perspectiva de estudo, valorizando a experiência cotidiana.

A representação simbólica do espaço é um conceito geográfico e antropológico que vai além do mapeamento técnico (cartografia) e foca em como os seres humanos atribuem significados, valores, afetos e identidades aos lugares. Segundo Araújo (2015), o espaço simbólico é construído por meio de narrativas, crenças e mitos que estruturam a experiência social. Esse tema explora como o espaço vivido é transformado em símbolos, mitos, crenças e narrativas que estruturam a experiência social.

Essa representação do espaço ocorre de maneira subjetiva, com significados relativos que variam de pessoa para pessoa, indo além das grafias cartográficas. É o caso das narrativas que desembocam em uma geografia literária, entendida por aqueles que fazem parte do lugar e que constroem sua identidade a partir da vivência cotidiana.

Os lugares, como categoria fundamental da Geografia, revelam a concepção de diferenciação espacial. Cada lugar busca se distinguir de outros espaços existentes, constituindo-se como referência simbólica e prática para os indivíduos e grupos sociais. Assim, o conceito de lugar não se limita à dimensão física, mas envolve também aspectos culturais, afetivos e históricos que o tornam singular.

O estudo dos conceitos geográficos provoca reflexões significativas. Nesse sentido, as especificidades das categorias de análise da Geografia são pesquisadas e interpretadas em um processo de mediação entre idealizações teóricas e observações empíricas. Esse movimento favorece o entendimento da sociedade e abre possíveis caminhos de investigação. Torna-se necessário, portanto, um esforço real para não negligenciar os elementos constitutivos da análise. Abordagens de diferentes pesquisadores são referendadas ao longo do texto, apontando compreensões sobre os conceitos de espaço geográfico, lugar e suas representações (SAMPAIO; SILVA; ROCHA, 2024, p. 2).

Além disso, a representação simbólica do espaço contribui para compreender como diferentes grupos sociais constroem suas identidades coletivas e individuais. Ao transformar o espaço em território de significados, os sujeitos estabelecem vínculos que reforçam a memória, a tradição e a cultura local. Essa perspectiva amplia o alcance da Geografia Humanista, permitindo que o espaço seja visto não apenas como suporte físico, mas como dimensão existencial e simbólica que organiza a vida social.

A Geografia, além da concepção de território, trabalha com duas categorias fundamentais: paisagem e lugar. Ambas possuem concepções diferenciadas e se relacionam com o espaço relativo, entendido como categoria essencial para a vivência cotidiana. O espaço relativo, portanto, não se limita à dimensão física, mas envolve significados, experiências e práticas sociais que se manifestam nos lugares.

A noção de espaço, multifacetada e ambígua, permeia diversos campos do conhecimento. A Física não se interessa mais pelo espaço do que a Matemática ou a Biologia. A Química e a Sociologia, em suas especificidades, também não dispensam

a compreensão espacial. Essa comunhão ocorre a partir de um esforço intelectual característico do humano moderno, que busca sistematizar a realidade para que ela não escape de sua compreensão. O espaço, nesse sentido, é um conceito central nesse esforço. Ele é tangível na paisagem, mas não se restringe a essa esfera. O espaço é, concomitantemente, materialidade e abstração (PEREIRA, 2015, p. 171).

A questão do espaço relativo resulta em significados e vivências que fazem parte da chamada Geografia Humanista, trazendo à tona o relativismo espacial como forma de compreensão.

A consciência do espaço reflete-se na importância das ações cotidianas e no valor da situação geográfica de cada lugar. Como são muitos os elementos e fatores que configuram a complexidade espacial, torna-se necessário desenvolver uma pedagogia da complexidade, capaz de trabalhar a diversidade dos elementos que compõem a produção do espaço. Essa abordagem deve considerar tanto as paisagens visíveis quanto os processos internos que estruturam a formação social e econômica de cada situação geográfica (SANTIAGO, 2021, p. 13).

Mesmo influenciado por esse contexto histórico, o espaço foi contemplado nas obras de Friedrich Ratzel (1844-1904). Segundo Corrêa (2017), Ratzel desenvolveu os conceitos de território e espaço vital, influenciado por suas raízes ecológicas. O território, para Ratzel, está vinculado à apropriação de uma porção do espaço por determinado grupo. Já o espaço vital relaciona-se às necessidades territoriais de uma sociedade, considerando seu desenvolvimento tecnológico.

Nesse sentido, a Geografia se aproxima das Ciências Humanas, estabelecendo uma relação de equilíbrio entre população e recursos, mediada pela capacidade técnica (MORAES, 1990, p. 23). A partir dessa visão, Corrêa (2017) afirma que é por meio da política que o espaço se transforma em conceito-chave para a ciência geográfica (BOTELHO; VALADÃO, 2023, p. 40).

A Geografia moderna, ao longo de seu desenvolvimento, modificou-se em relação às concepções iniciais de espaço absoluto. Novas abordagens, como a Geografia Social, introduziram o pensamento relativista em diferentes categorias, ampliando a compreensão do espaço como fenômeno dinâmico e multifacetado. Essa mudança reflete a necessidade de integrar dimensões materiais, simbólicas e políticas na análise espacial, tornando o estudo mais próximo da realidade vivida pelas sociedades.

Além disso, a incorporação do espaço relativo e da perspectiva humanista contribui para uma leitura crítica da produção espacial contemporânea. Essa abordagem permite compreender como os lugares se diferenciam e se relacionam, revelando tanto desigualdades quanto identidades culturais. Assim, a Geografia atual não se limita a descrever paisagens, mas busca interpretar os processos que as constituem, oferecendo instrumentos para pensar a sociedade em sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES

O espaço de vivência, enquanto categoria geográfica, revela-se como elemento central para compreender a realidade cotidiana dos indivíduos. Ao incluir moradia, escola, bairro e locais de trabalho, essa dimensão aproxima o aluno de sua própria realidade, favorecendo um aprendizado significativo e crítico. A análise do espaço vivido permite identificar mudanças na paisagem, compreender processos sociais e estimular reflexões sobre a organização espacial.

A Geografia Social, ao incorporar o espaço de vivência, amplia os horizontes da disciplina, possibilitando interpretações que vão além das fronteiras do Estado Nacional. Essa perspectiva valoriza diferentes escalas geográficas e promove uma leitura plural da realidade, reconhecendo que o espaço é resultado de múltiplas interações sociais, culturais e econômicas.

Nesse sentido, a escala geográfica, quando articulada ao espaço de vivência, torna-se instrumento fundamental para compreender o cotidiano das pessoas. Ela evidencia como os lugares se organizam, revelando suas concepções, significados e dinâmicas próprias. Assim, o espaço deixa de ser apenas uma abstração teórica e passa a ser reconhecido como dimensão concreta da experiência humana.

Portanto, as considerações finais apontam para a necessidade de uma abordagem crítica e integrada da Geografia, que valorize o espaço de vivência como categoria analítica. Essa perspectiva contribui para a formação de sujeitos conscientes de sua realidade, capazes de interpretar as transformações espaciais e de atuar de forma reflexiva na sociedade. A Geografia, ao assumir esse papel, fortalece sua função pedagógica e científica, promovendo um conhecimento que conecta teoria e prática, abstração e experiência, global e local.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Gilvan. As representações simbólicas: a pulsão imagética e símica na produção dos sentidos no espaço. *Revista Observatorium*, v. 14, p. 1-14, 2015.

BOTELHO, Lúcio Antônio Leite Alvarenga; VALADÃO, Roberto Célio. Os espaços absoluto, relativo e relacional na normativa curricular nacional de Geografia: limites e possibilidades. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 24, n. 96, dez. 2023.

CRUZ, Valter do Carmo. Rio como espaço de referência identitária na Amazônia: considerações sobre a identidade ribeirinha. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUR, 2011.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia humanista: percepção e representação espacial. *Revista Geográfica de América Central*, n. 52, p. 1-20, jan./jun. 2014. ISSN 1011-48X.

PEREIRA, Salomão Alves. A produção do espaço: geografia e relativismo cultural. *Élisée – Revista de Geografia da UEG*, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 171-188, jan./jun. 2015.

PISETTA, Écio Elvis; MORAES, João Marçal Bodê de. Espaço e representação: percepção do espaço. *Meridiano – Revista de Geografia*, 25 jan. 2026.

RESEARCHGATE. Figura 27 – El espacio de la geografía humanista. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-27-El-espacio-de-la-geografia-humanista_fig7_283644657>. Acesso em: 11 fev. 2026.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. *Revista Geografia Humanista*, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2020.

SAMPAIO, Vilomar Sandes; SILVA, Ivana Lima; ROCHA, Altemar Amaral. Espaço geográfico, lugares e representações. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 16, n. 8, p. 1-18, 2024.

SANTIAGO, João Phelipe. Consciência do espaço: geografia, sociedade e educação. *Revista Geopolítica Transfronteiriça*, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2021.

SCHMIDT, Lisandro. Metodologias de pesquisa em Geografia. *Academia.edu*, 2015. Disponível em: <<https://www.academia.edu>>. Acesso em: 11 fev. 2026.